

Internet e Terrorismo: como o ciberespaço influenciou as práticas da Al-Qaeda no século XXI à luz dos conceitos de Eugenio Diniz¹

Bruna Maria dos Santos²

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar e contextualizar o conceito de terrorismo para Eugenio Diniz, com foco no modelo analítico de combate ao terror proposto pelo autor. É contemplada uma análise de caso da Al-Qaeda em suas atividades no ciberespaço relacionando elementos que abordam a importância da infraestrutura fornecida pela internet para a manutenção logística terrorista no século XXI. O uso da rede é eficaz para mobilizar recursos e alimentar sua trajetória ao realizar funções essenciais, como a manutenção da propaganda, recrutamento, treinamento, financiamento, organização e apoio político, com o intuito de atingir vasto número de pessoas que podem se solidarizar com a causa e passar a apoiá-la. O cruzamento da atuação do grupo com os elementos teóricos possibilita o entendimento da neutralização e desbaratamento de uma organização terrorista conforme indica Eugenio Diniz.

Palavras-Chave: Al-Qaeda; Terrorismo; Ciberespaço.

Abstract: This article aims to present and contextualize the concept of terrorism in Eugenio Diniz's point of view, focusing on the analytical model of terror combat proposed by the author. An analysis of the case contemplating Al-Qaeda's cyberspace activities relating elements which approach the importance of the facilities provided by the internet for terrorist logistics maintenance in the 21st century. The use of the network is efficient to mobilize resources and feed its trajectory by accomplishing essential functions, such as publicity's maintenance, recruitment, training, financing, organization and political support, in order to reach a vast number of people who can sympathize with the cause and start supporting it. Associating the role of the group with the theoretical elements enables the understanding of neutralization and breaking of a terrorist organization for Eugenio Diniz.

Keywords: Al-Qaeda; Terrorism; Cyberspace.

¹ Artigo apresentado ao Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (IERI-UFU) como Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação do Prof. Flávio Pedroso Mendes.

² Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia (b.m.sant.s@gmail.com).

1. Introdução

A convergência do terrorismo e ciberespaço é chamada de ciberterrorismo e normalmente engloba ataques e ameaça de ataques a computadores, redes e informações armazenadas com a intenção de provocar medo em prol de objetivos políticos. Para qualificar o fenômeno, um ataque deve resultar em violência contra pessoas, propriedades, causar danos ou um nível de ameaça suficiente para causar terror (DENNING, 2001).

A internet pode servir como uma ferramenta de suporte para o fomento das atividades terroristas com a função de meio de propaganda para o recrutamento, radicalização, incitação ao terror e treinamento. Além disso, possibilita o contato com recursos para o financiamento e execução de alguns atos, demandando conhecimento técnico específico que auxilia na comunicação das células, no fornecimento de material de suporte e na disseminação de informações importantes tanto para o terror como para as forças que atuam no combate ao terrorismo. Por essa razão devemos considerar que as oportunidades oferecidas no ciberespaço também são porta chave para o contraterrorismo, como a inteligência cibernética que auxilia na execução de investigações nesse espaço (UNODC, 2012).

O ciberespaço é muito mais utilizado nos últimos tempos do que no início dos anos 2000 (CURRAN, 2010). Pode ser conceituado como um conjunto de dispositivos conectados via rede em que as informações são armazenadas e utilizadas para a comunicação. Entre os principais objetivos dos atores nesse meio estão o processamento, manipulação e exploração de informações, e, a facilitação e expansão da emissão de mensagens para a interação entre indivíduos e o mundo a sua volta, podendo em algumas circunstâncias facilitar a abertura de lacunas para a projeção de poder, uma vez que o acesso a este local virtual é rico em experiências e nele pode ser estabelecido uma vasta gama de relações que contrapõem o mundo físico e o mundo online (CLARK, 2010). No entanto, não é um ambiente altamente regulado; apesar da grande concentração de negócios e empresas que disputam esse território, ele de fato não é de ninguém (CURRAN, 2010).

A pergunta posta aqui é se a proposta de Eugenio Diniz faz sentido quando aplicada ao caso estudado, a Al-Qaeda, grupo que possui algumas singularidades e uma presença relevante na internet desde que esse espaço é amplamente difundido. Esse questionamento surge a partir do fato do grupo terrorista se mobilizar logisticamente por meio de ferramentas existentes no ciberespaço, depois que sua estrutura física e centralizada foi estrangida após o 11 de setembro de 2001.

Para isso, será utilizado o texto de Eugenio Diniz, “Compreendendo o fenômeno do terrorismo”, para a construção do entendimento do conceito de terrorismo como um fenômeno social que faz o uso da ameaça ou da força para provocar o terror, e assim, causar um efeito psicológico que causa a sensação do ser vulnerável e com medo. Para entendê-lo, é necessário esclarecer a relação entre meios e fins que correspondem à ideia de que o terror é o meio do terrorismo e o fim é o objetivo político; e, a causa empreendida em cada mobilização da organização. Nessa perspectiva são incorporados os elementos pelos quais o autor propõe a desbaratamento do terror por meio das necessidades logísticas que abarcam toda a operação para a manutenção do funcionamento dos grupos (DINIZ, 2004).

Com base na organização logística da Al-Qaeda, o ciberespaço se tornou uma esfera útil para a manutenção de suas funções no século XXI. Dessa maneira, a organização terrorista se mobiliza para trabalhar com as ferramentas existentes na internet com a finalidade de facilitar e manter suas ações ativas, apesar do combate ao terrorismo ter alçado forças no mundo após lançada a Guerra ao Terror³. Os pontos centrais da organização e operacionalização de grupos terroristas – logística, organização, financiamento e apoio político – conforme o modelo proposto por Diniz, sugerem que o espaço virtual passou a ser um local importante para a manutenção e atuação do terrorismo. Sendo assim, caso o modelo do autor esteja correto e adequado, o ciberespaço realmente é o ambiente vital para a atuação de grupos terroristas e assim para qualquer política de combate à ação desses grupos, como pode ser observado no estudo de caso, a Al-Qaeda.

2. Terrorismo para Eugenio Diniz

O conceito de terrorismo é diverso entre os autores da área de ciências humanas que estudam o fenômeno. Para tornar esse trabalho possível foi necessário compreender o termo através de uma fonte específica. Para isso, é utilizada a abordagem de Eugenio Diniz abrangendo quesitos importantes para a análise do terror no espaço virtual, se ele existe e existindo quais são suas facetas, contribuindo para o diálogo com o desmantelamento da organização dos grupos terroristas conforme a manutenção logística.

Para compreensão do termo terrorismo, “como se trata de um fenômeno social – e nosso objetivo aqui é tratá-lo como tal, e não como uma questão jurídica –, a maneira mais útil de fazê-lo é definindo-o com relação a seus fins e a seus meios, ao mesmo tempo” (DINIZ, 2004,

³ Campanha militar liderada pelos Estados Unidos adotada como estratégia para o combate ao terrorismo.

p. 7). Definir os meios nos permite distinguir a ação terrorista de outras ações que possuem a mesma finalidade dessa; considerar os fins nos permite distingui-la de atividades que se utilizam dos mesmos meios (DINIZ, 2004).

Para inserir o conceito, a ameaça e o uso da força são elementos meios, que em alguns casos podem qualificar situações como terroristas e em outros não. A intenção do emprego da força possui finalidades diferentes, a depender do objetivo pretendido pelos atores que a utilizam. Quando se trata de um grupo terrorista, normalmente as ações que fazem a ameaça ou uso da força possuem objetivos políticos que se movem em prol de uma causa maior, utilizando de ferramentas que promovem o uso indiscriminado do medo para atingir um objetivo político (DINIZ, 2004).

O efeito psicológico, nessa perspectiva, é um dos elementos importantes do método utilizado pelos grupos, pois é exatamente o sentimento de vulnerabilidade e medo que agrega sentido aos movimentos dos terroristas. Em alguns casos, ligações em forma de informações de possíveis ataques ou localização de bombas são o suficiente para provocar terror nas pessoas (DINIZ, 2004).

Eugenio Diniz destaca que o terror é meio do terrorismo, o fenômeno estudado nesse caso não tem como objetivo o emprego da força como meio de atingir seus fins, na verdade ele é caracterizado pelo uso indiscriminado da força para gerar terror. Além disso, a partir do entendimento do autor sobre o fenômeno do terrorismo, torna-se possível excluir a categoria em que se encaixa o termo dos tipos tradicionais de guerra e de guerrilhas. Isso acontece, pois, quando se pensa no uso da força para intimidar ou coagir, no terrorismo, ela não é somente o uso indiscriminado da força, o que a categoriza é o uso do terror para atingir um objetivo. No caso das guerrilhas, os guerrilheiros atuam sobre as forças do inimigo com a intenção de reduzir a força e atormentar psicologicamente, e o resultado pode ser o fortalecimento da sua frente de combate. Em relação à guerra regular, ao realizar algum ato significativo contra a força inimiga, se pretende de fato causar danos materiais aos recursos do oponente (DINIZ, 2004).

Assim, o sucesso tático de uma ação terrorista corresponde única e exclusivamente à medida do terror que ela foi capaz de gerar. A natureza do alvo imediato da ação, o efeito produzido sobre ele (destruição, neutralização, isolamento etc.) e mesmo sua vinculação com o objetivo político final [...] são, do ponto de vista de uma ação terrorista, secundários. Já o sucesso estratégico de uma ação terrorista depende de seu êxito em quebrar as barreiras existentes à reunião de forças pelo grupo terrorista, mediante a indução de determinados comportamentos pelo inculcamento do terror (MENDES, 2014, p. 105).

Para que o terrorismo não tenha uma caracterização unicamente baseada no uso do terror como meio de viabilizar suas ações, é importante definir o que seriam os fins. Para Diniz, “é um entendimento comum que o terrorismo tem motivações, em última análise, políticas. Por mais que o termo políticas possa carregar alguma imprecisão e ambiguidade, restringir essa motivação política do terrorismo traz mais prejuízos que vantagens [...]”(DINIZ, 2004, p. 9), uma vez que o emprego do terror para fins políticos inclui algumas categorias de atos que não devem ser considerados terrorismo. Um ato que cause o terror à sociedade por coordenar uma ação de uso irrestrito da força pode ser exemplificado no caso de ataques aéreos, que possuem foco no objetivo político não podendo ser considerado terror (DINIZ, 2004).

Diante da proposta da propagação do terror existem dois tipos de emprego do terror, havendo uma diferença entre o emprego político não terrorista do terror e o emprego político terrorista do terror. O que separa esses dois conceitos de fato, é a vinculação entre meios e fins, significando a existência de uma ligação direta entre o uso do terror como meio para se conseguir algo; e quanto a finalidade, ela é o objetivo político no emprego não terrorista do terror. Enquanto no emprego terrorista do terror o uso do terror e o objetivo político são indiretamente vinculados, justificado pela dificuldade de coagir o “inimigo” a ceder (DINIZ, 2004).

Douhet enquanto autor do livro “O domínio do ar” de 1921 propõe o uso de ataques aéreos indiscriminados, o chamado bombardeio estratégico e isso faz diálogo com emprego político não terrorista do terror (DINIZ, 2004). O pensamento de Douhet é que em uma guerra, o ponto principal não é combater as forças do inimigo, mas nas palavras do autor, é quebrar a vontade do inimigo. Na maior parte do tempo, a guerra se limitou à ocupação de territórios como forma de romper as forças combatentes. Propõe que haveria um mecanismo capaz de satisfazer essa necessidade sem precisar de mais nada e para realizar esse feito utilizaria a força aérea com o propósito de atingir alvos indiscriminados com o objetivo de gerar terror. Tudo isso, se deve ao fato de que ele considerava a guerra na terra com poucos efeitos conclusivos, contando com o exemplo da Primeira Guerra Mundial, marcada pelo combate nas trincheiras (MACISAAC, 1986).

Outro paralelo que pode ser feito aqui é sobre a Destruição Mútua Assegurada criada no contexto da Guerra Fria, em que Thomas Schelling foi um dos principais analistas que decifraram as implicações dessa nova realidade material. Uma análise da estratégia da Destruição Mútua Assegurada permite inferir que para dissuasão e equilíbrio do terror, quando

há um conflito entre países, se um deles é atacado, o outro será atacado em resposta por uma força destrutiva igual ou maior do que recebeu. Assim, o resultado esperado é um cenário irreversível pois haverá a destruição mútua e garantida dos lados opostos. Isso implica que se nessa estratégia militar e política de segurança há o emprego em larga escala de armas de destruição em massa por forças opostas, isso promoverá a aniquilação de ambos os lados. No entanto, se os adversários têm o potencial de ataque nuclear, isso faz com que nenhum dos inimigos utilizem seu armamento para começar um conflito ou desarmar o adversário, levando a um equilíbrio das forças (SCHELLING, 2008).

O emprego político terrorista do terror, diferentemente do emprego político não terrorista do terror, não tem uma vinculação direta entre o emprego do terror e o objetivo final pelo qual o terror é empregado. Nesse sentido, “o terrorismo é apenas uma parte, ou etapa de um sequenciamento de atos e engajamentos vinculados a um propósito político último, a que ele se vincula de maneira apenas indireta e não de maneira imediatamente perceptível” (DINIZ, 2004, p. 17).

Diante dessa perspectiva, fica em evidência que os grupos terroristas não utilizam dos seus atos para convencer as forças opostas a realizar as suas vontades. Cabe dizer nesse momento que o objetivo nesse tipo de ação é chocar a sociedade civil e atrair atenção, visando, empreender forças para que pessoas, instituições e governos passem a apoiar a causa. Nesse aspecto, os grandes atos arquitetados por essa prática surgem com o intuito de propagar a imagem da organização, englobando a causa, por meio do emprego do terror (DINIZ, 2004).

Para entendê-las é importante pontuar a diferença entre neutralização e desbaratamento. O primeiro se trata da capacidade de investigar e prever os próximos passos dos grupos terroristas, desalinhando as atividades do grupo que, mesmo não sendo uma determinante da propagação do terror, ele não consiga consolidar um atentado terrorista, por exemplo; sendo assim a neutralização tem como finalidade prejudicar a realização de atentados e reduzir os efeitos dos atos que possam acontecer. Enquanto o desbaratamento implica em incapacitar um grupo de agir na função de propagar o terror esfacelando todas as suas atividades (DINIZ, 2004).

O desbaratamento é um dos objetivos propostos pelo autor para engatilhar o dismantelo dos mecanismos de funcionamento do movimento interno dos grupos terroristas. Essa proposição tem como base a compreensão das atitudes do grupo através da observação das atividades mais comuns para conseguir prever como seria possível quebrar com todo o aparato

logístico e organizacional de um grupo terrorista. Os elementos categorizados são: 1. Necessidades logísticas; 2. Finanças; 3. Organização; 4. Apoio político (DINIZ, 2004).

Para compor as necessidades logísticas, a ideia é pensar nos aspectos de construção das atividades essenciais para a existência do grupo. Primeiramente, para a construção de um ataque, é preciso a compra e o armazenamento de armas, explosivos e munição. Esses são artigos comumente encontrados no mercado e são materiais indispensáveis para a realização de atentados terroristas, por exemplo. Quando se trata de desbaratar um grupo terrorista, é necessário que se consiga atingir os esconderijos de armamentos que mantêm o poder bélico (DINIZ, 2004).

Em segundo lugar está a seleção e treinamento dos membros da célula. Esse por sua vez é um longo processo que envolve requisitos advindos desde o recrutamento dos combatentes até a posição dentro da organização. A minuciosidade na escolha dos candidatos e potenciais membros é imprescindível, pois o acesso aos dados do grupo é um ponto frágil da estrutura como um todo, eles dependem disso para se manter em operação. Quanto aos treinamentos, a preocupação se encontra no poder de ação de entidades externas ao grupo, na capacidade de acesso aos locais onde os indivíduos realizam tais encontros (DINIZ, 2004).

As finanças advêm de atividades e doações. Esse quesito pode ser facilitado por agentes estatais envolvidos com os grupos terroristas, ao tempo que dificulta o acesso e rastreamento das transações financeiras. É uma questão de primeira ordem a arquitetura funcional do esquema, por ser responsável por promover as demais atividades, compras, mobilização, assistência e treinamentos. Por esse motivo, o estrangulamento financeiro é uma tática eficaz para o combate ao terrorismo (DINIZ, 2004).

Em relação à organização, ressalta-se a hierarquia dos grupos em quesito de centralidade. Quanto mais centralizados, mais eles podem ser afetados caso haja a neutralização das entidades superiores, pois o caráter hierárquico não permite que ordens sejam aplicadas em todos os níveis. Quando os grupos tendem à descentralização, as camadas da organização têm maior liberdade nos processos de tomada de decisão, deixando a estrutura menos vulnerável às operações de estrangulamento das forças estratégicas da rede (DINIZ, 2004).

Já o apoio político pode significar para alguns grupos o ponto mais importante, uma vez que as ações das fontes de apoio (governos, grupos politicamente engajados das sociedades civis – os quais não são reconhecidos pelo governo – pessoas e grupos influentes, ou a sociedade

em geral) são responsáveis para dar força na articulação do grupo terrorista. Isso se comprova na medida que essas bases promovem suporte para a logística, as finanças e a organização, além de adicionar complicações para o combate ao terrorismo, podendo esse ser o principal fator do elemento “apoio político” (DINIZ, 2004).

Essas complicações podem ser explicadas a partir do seu apoio. Sendo ele de um grupo possuidor de poder dentro do Estado, o que acontece é que mesmo que exista alguma relação que beneficie as estruturas do grupo terrorista ela não é duradoura à longo prazo, a depender se o grupo que apoia o Estado é reconhecido ou não por um governo legítimo. Em relação aos indivíduos influentes o apoio aos elementos não possui uma grande abrangência, sua principal função nesse caso é manter força política para impedir esforços de combate ao terrorismo, o que também não possui grande efeito. Quanto à base social, essa é relevante no quesito pessoal, fornecendo novos combatentes, camuflagem entre terroristas e cidadãos comuns, doações, e possibilidade de pressionar governos para apoio político ao grupo. Por fim, as redes de influência possuem uma maior gama de recursos. Elas podem se envolver em debates, concessões e influenciar processo de tomada de decisões. Dessa maneira, pressionam governos e grupos de controle estatal ou iniciam conflitos contra os mesmos, ao tempo que ao se tratar de bases de apoio é possível que abra espaço para situações conflitivas para obter sucesso quando é necessário que a sociedade passe a apoiar politicamente o grupo terrorista (DINIZ 2004).

Da mesma forma que esses grupos e pessoas influentes, apoiados ou não por atores estatais, podem agir a favor do terror, eles também podem trabalhar no combate ao terrorismo. Sendo assim, uma das alternativas é o isolamento político. Essa é uma ação que funciona como um passo inicial para isolar um grupo com o intuito de direcionar estratégias que levem à neutralização logística e financeira ocasionando em algum momento, com sucesso no desbaratamento do grupo (DINIZ 2004).

As opções fornecidas no modelo não possuem uma regra clara que garanta a eficiência na tentativa de desbaratamento. As determinantes e o objetivo político de cada grupo terrorista são os fatores que ajudam a entender qual composição estratégica de combate é melhor para interferir e causar danos às estruturas internas responsáveis pelas atividades do grupo a partir das fragilidades fornecidas ao longo do tempo (DINIZ, 2004).

Dessa maneira os elementos propostos por Eugenio Diniz contribuirão para o estudo de caso como ferramenta analítica que incide sobre a forma como o grupo terrorista em questão

trabalha na logística da disseminação do terror através facilidades existentes no ciberespaço que contribuem cada vez mais para a manutenção de suas atividades.

3. Al-Qaeda e o ciberespaço

Após apresentado o conceito de terrorismo para Eugenio Diniz, o trabalho retrata como o grupo terrorista Al-Qaeda utiliza da infraestrutura e das oportunidades que a internet oferece para além do ciberterrorismo. Busca-se entender como o ciberespaço favorece as atividades dos grupos terroristas, nesse caso, da Al-Qaeda, pois à medida que o panorama da comunicação se aproxima da internet, os grupos praticantes de atividades terroristas procuram esse meio para proliferar suas ideias, atividades, organização e movimentos internos.

Fundada em 1988, por Osama Bin Laden, durante a Guerra do Afeganistão (1979-1989)⁴, a Al-Qaeda – derivação do extremismo islâmico e salafitas, ligada à doutrina sunita – exerce controle sobre o pensamento predominante em várias regiões do mundo. Após ser criada para atuar nessa guerra, os objetivos dos membros responsáveis por essa organização terrorista se voltaram para a expansão a outras partes do mundo, se comprometendo em difundir as ideias do grupo que compreendem o pensamento em torno de um movimento que pretendia fornecer apoio à jihad por meio da sua imagem na mídia, operações militares e assistência aos muçulmanos com interesses semelhantes ao grupo. Ela teve o papel base para que o movimento islâmico pudesse ser organizado, treinado, financiado e inspirado (SCHEUER, 2011).

A Al-Qaeda ficou ainda mais conhecida após o atentado do 11 de setembro nos Estados Unidos, quando atingiu o *World Trade Center* em 2001, em um ataque aéreo simultâneo a outro que pretendia destruir o pentágono em Washington. Essa ação comoveu as autoridades do país que passaram a questionar a segurança dos Estados Unidos perante o terrorismo (LORMEL, 2007).

Após os eventos de 11 de setembro de 2001, marco histórico para o terrorismo do século XXI por introduzir a era da Guerra ao Terror, a dinâmica de vigilância sob o oriente médio e os grupos atuantes nesse local foram modificadas. Frente às imposições do ocidente, algumas medidas foram importantes para manter vivo e em funcionamento o sistema Al-Qaeda. Nesse sentido, a interação com o mundo virtual foi um dos caminhos seguidos, e com isso surgiram

⁴ Também conhecida como Guerra Soviética Afegã, conflito civil do Afeganistão com a participação militar da União Soviética.

novos paradigmas a serem enfrentados pelo grupo nesse espaço e novos dilemas relacionados à segurança internacional intrínsecos a ele (LORMEL, 2007).

A Guerra ao Terror é responsável por fragilizar e remover a centralidade de poder existente na estrutura da Al-Qaeda. Isso ocorre, pois, a partir desse momento, os olhos do mundo e dos debates de segurança internacional por parte dos países e instituições multilaterais se voltam para a ameaça de conflito entre os grupos terroristas e as nações. Com a ameaça iminente do inimigo islâmico, tanto a Al-Qaeda quanto grupos como Estado Islâmico⁵ e Boko Haram⁶, passam a ser foco de assuntos relacionados a ameaça à segurança em relação a atos que causam instabilidade à segurança internacional. Sendo assim, para resolver esse problema, a Al-Qaeda opta pela descentralização e fragmentação da organização em células de movimento regional, nas quais, os grupos possuem pouca ligação entre si, ao mesmo tempo que estão operando em prol de causas parecidas (LORMEL, 2007).

Nesse momento, o grupo passa a fortalecer sua presença na rede mundial de computadores. A Al-Qaeda, apesar de não ser o grupo que possui mais mobilidade e agilidade em utilizar os sistemas de computadores a seu favor, é pioneira. Ela recebe destaque por ser uma organização terrorista multifacetada, aproveitando a infraestrutura existente no espaço virtual. Esse ambiente possibilita a criação de espaços para a interação das atividades organizacionais do grupo que não estão necessariamente vinculadas aos atos terroristas, como ferramentas de controle interno e de propaganda do terror (RUDNER, 2016).

Martin Rudner (2016), argumenta a existência de uma Jihad eletrônica que proporciona a radicalização da diáspora muçulmana no ocidente. Com isso, o ciberespaço é um ambiente propício, pois possui servidores que funcionam como repositórios e sites que contemplam discursos e práticas de cunho extremista. Para o estudo, o autor utiliza o chamado “20 anos de Plano Estratégico da Al-Qaeda (2001-2020)” no qual é traçado o percurso para alcançar o domínio mundial e a construção do califado do grupo em 2020. Entre o período destacado, sobressai a ascensão do uso da internet, também conhecido como principal instrumento de uso global. Por essa razão é usada pelo grupo para exercer sua inserção internacional de maneira impactante (RUDNER, 2016).

⁵ É uma organização terrorista jihadista islâmica criada em 2003, atuante no oriente médio, principalmente no Iraque e na Síria. O grupo é conhecido pela construção de um califado entre esses dois países, além de ser muito ativo nas redes sociais.

⁶ É uma organização terrorista jihadista islâmica sunita criada em 2002, atuante na África Ocidental, principalmente no norte da Nigéria, onde tinha como objetivo purificar o islã.

Um dos pilares da atividade eletrônica dos grupos terroristas no geral é a propaganda realizada no ciberespaço, não diferente, a Al-Qaeda aproveita do aparato fornecido pela internet para disseminar suas ideias e aumentar o número de seguidores fanáticos pelos pensamentos defendidos pelo grupo, e arrecadar fundos para a manutenção de suas campanhas, mantendo todo o aparato organizacional e financeiro necessário à manutenção da rede, além de fortalecer a imagem, fator importante e que define o quão grandioso e impactante serão seus atos (RUDNER, 2016).

Nesse sentido, a propagação da identidade de um grupo terrorista é o elemento que mantém vivo o foco principal do terrorismo, o objetivo político. Com a internet, o grupo terrorista vê como necessário e prioritário o desenho de sua organização no meio virtual espelhado nas principais características do mundo fora do ciberespaço. No entanto, com o formato virtual consegue ter um alcance maior de pessoas, expande o papel de lobos solitários de diferentes partes do mundo, deixando, portanto, de restringir ao terrorismo apenas um estereótipo, abrindo camadas e inserindo o terror à sociedade de maneira homogênea (RUDNER, 2016).

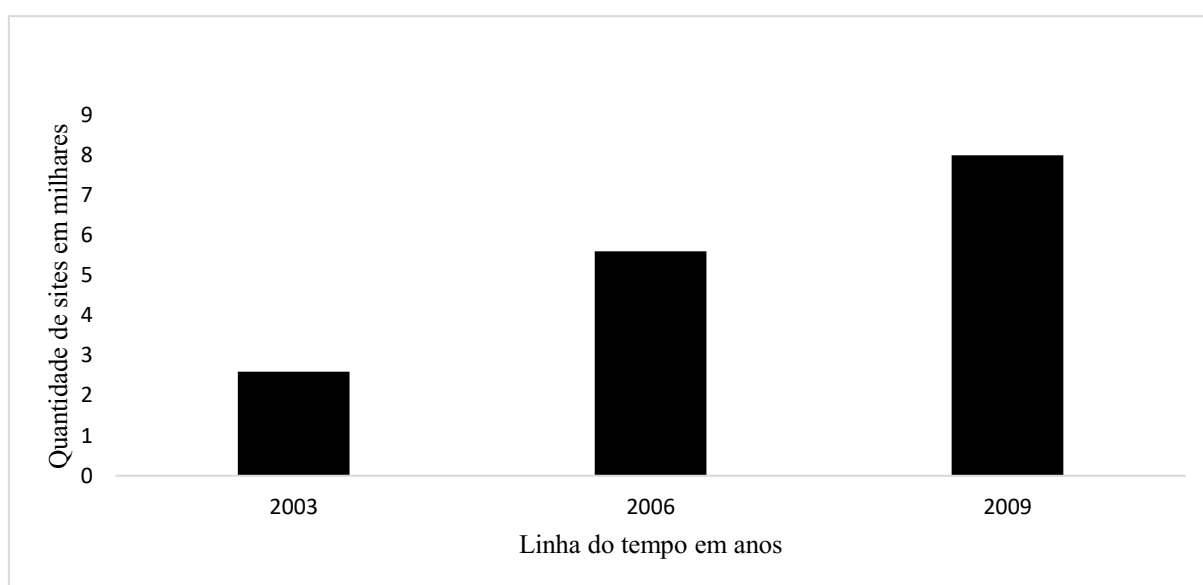
Em relação à operação via internet, a Al-Qaeda conta com três tipos diferentes de uso da rede. Segundo Rogan (2006), existem subcategorias que dividem a forma como é conduzida as atividades de um grupo ou de uma operação qualquer dentro do ambiente online. A primeira delas recebe destaque com base na trajetória do funcionamento de sites na rede, que atuam no trabalho de divulgar e disseminar conteúdo para os seguidores do grupo. Um deles é o chamado Dalil Meshawir, responsável por páginas que possuíam links para o download de áudios e vídeos, além disso, também contavam com indicações de outras páginas, fóruns e todo material recheado de reportagens, testemunhos e mártires do movimento (ROGAN, 2006).

A segunda subcategoria é a distribuição de dados em sites financiados por simpatizantes dos grupos ou das causas que revestem a administração do domínio, o que permite maior acessibilidade e visibilidade das páginas relacionadas à propagação do terror, das suas fontes e dos objetos em foco. Além dessas, outra função desses sites é publicar atualizações de jornais e revistas internacionais como um compilado de informações. E a terceira subcategoria absorve os demais tipos de mídias, que não são advindos de uma mesma organização. Nesse caso constam materiais publicados por diferentes redes de locais variados, ou seja, é um aglomerado de informações que podem ou gerar entretenimento para os fanáticos do assunto ou tratar de assuntos relevantes da esfera terrorista. Quando essa ideia é concebida, pode-se fazer uma

comparação com jornais internacionais e suas principais funções, no entanto, se trata de relatos, histórias e notícias escritas e distribuídas por agentes de fontes do extremismo islâmico (ROGAN, 2006).

Nos anos 1990, estipula-se que havia apenas doze sites eletrônicos da jihad presentes na internet, esse número se expande ao longo do tempo. Em 2003 passa para 2600 sites, chegando em 2006 com 5600 sites e em 2009 a estimativa é esse número alcançar 8 mil sites terroristas no ar (WEIMANN, 2009).

Gráfico 1 – Número de sites de conteúdo terrorista na internet de 2003 a 2009



Fonte: Elaboração própria (WEIMANN, 2009).

Com a expansão do acesso à rede, o grupo utilizou a internet para disseminar conteúdo, difundindo a sua ideologia e realizando propaganda da Jihad, para isso, são utilizados textos de cunho político, teológico e ideológico lançados na internet, embebidos de estratégias de escrita e argumentação presentes em discursos para convencer os seguidores do movimento a empreitar a luta da Al-Qaeda. Essa atividade conta com o envolvimento de diversas pessoas que se conectam e criam uma rede de contatos e de conteúdo por meio de fóruns, comunidades de redes sociais, e é um campo que acompanha o grupo desde o início da era digital, portanto existem publicações que recebem destaque entre 2003 e 2005 (ROGAN, 2006).

Segundo pesquisa da Sociedade Americana de Criminologia, ao investigar indivíduos conectados ao terrorismo constataram que 61% dessas pessoas possuíam rastros de atividades online relacionadas à radicalização e planejamento de ataques, em torno de 54% dessas pessoas usaram internet como fonte de apoio para aprendizado de técnicas terroristas. Downloads de

mídia foram encontrados em 44% dos casos, cerca de 21% possuíam vídeos, 7% áudio de palestras e 6% fotografias. Recursos online incluindo vídeos com instruções para a elaboração de bombas; guias de assassinato e tortura; produção de colete suicida; manuais de treinamento terrorista para preparação de ataques foram utilizados por 30% dos indivíduos analisados (GILL; CORNER; CONWAY; BLOOM; HORGAN, 2017).

Os fóruns são sites muito comuns entre os jihaditas, são usados para levantar debates sobre temas específicos, através da publicação de mensagens, artigos e comentários em postagens. O controle é realizado através de mediadores que permitem o acesso das pessoas a esses locais, isso é feito na tentativa de não sobrecarregar as páginas; além disso, esse trabalho é importante para manter esse espaço livre de conteúdos que não correspondem aos objetivos do site. Em 2005 houveram 170.920 posts nos fóruns de discussão de assuntos políticos e casos islâmicos; com temas relacionados a comunicação foram cerca de 58.759 posts que iniciavam o debate na rede; quanto à assuntos econômicos, 922 posts; métodos educacionais e técnicos, 6.946 posts; especializados em sistemas de computadores, 6.590 posts; e direcionados à temas variados, 14.226 posts (ROGAN, 2006).

Já em 2010 conforme registrado pela New America Foundation, o fórum Shamikh conseguiu alcançar 327.405 posts em que o principal conteúdo eram vídeos de assuntos diversos entre os mais comentados pelos integrantes da jihadi; o site Hanein, que possui posts relacionados a vídeos e declarações de oficiais, corresponde a 409.455 postagens; Fallujah com seus temas gerais alcançou 678.947; e o Medad com temática política chegou aos 39.893. O número de membros dessas páginas chega a 46.619, no entanto, estipula-se que houve um alcance de 499.190 pessoas que não contribuíram para as discussões ou apenas visitaram as *homepages* (KIMMAGE, 2010).

Quando se trata dos processos de operação do grupo, principalmente das operações táticas, ocasiões que exigem discrição e cautela para manter seguros os atos coordenados através da internet, a Al-Qaeda necessita de ferramentas que permitem sigilo, como trouxe Denning (2010). Por esse motivo, um dos sucessos quanto à tecnologia aconteceu em 2007, ano em que foi lançado um software de criptografia utilizado para apagar os rastros da comunicação do grupo, nomeado como Mujahideen Secrets, sistema que facilita o acesso e disponibiliza recursos com maior agilidade e segurança do que anteriormente. Com seu êxito, uma nova versão foi lançada posteriormente, o Mujahideen Secrets 2 (DENNING, 2010).

O Mujahideen Secrets protege canais de comunicações online, inicialmente e-mails e posteriormente dispositivos móveis e canais de mensagens instantâneas. A Recorded Future⁷ publicou um relatório em 2013 em que é possível verificar que a Al-Qaeda foi modelo para o desenvolvimento de outras ferramentas. Esse é o caso do Asrar al-Dardashah lançado pela Global Islamic Media Front (GIMF), que serve para criptografar mensagens instantâneas na plataforma Pidgin, que se conecta com as principais canais de internet dos Estados Unidos⁸; o Tashfer al-Jawwal, elaborado pela GIMF, um programa de criptografia móvel com base no sistema Symbian e Android; do Asrar al-Ghurabaa produzido pelo Estado Islâmico e al-Sham; e do Amn al-Mujahid, feito pelo Comitê Técnico Al-Fajr, que é uma organização criada pela Al-Qaeda tem a função de esconder rastros digitais (PAGANINI, 2014).

Quando se trata de recrutamento, a organização terrorista Al-Qaeda o realiza essencialmente em suas células e filiações com base nos discursos e ensinamentos radicais que incentivam os indivíduos vindos de esferas locais do grupo a fazer o alistamento. No entanto, quando se trata de operações específicas, tais como ataques com homem bomba, a seleção é feita dentro dos próprios campos de treinamento com o intuito de escolher talentos, homens preparados para a ação tática (RUDNER, 2016).

Em relação ao recrutamento via internet, existe uma extrapolação das fronteiras geográficas, da longa distância e do difícil acesso. Permitindo o alcance de locais onde existem conflitos e territórios inimigos, sendo esse último um grande avanço na luta não armada dos grupos terroristas, que passam a adentrar terras proibidas. Nesse sentido, são lançadas campanhas ao redor do mundo sem a necessidade de levantar bandeiras visíveis aos olhos dos oponentes (RUDNER, 2016).

A exemplo disso, pode ser citado o recrutamento de expatriados da Somália localizados principalmente em países da América, como nos Estados Unidos e Canadá, convocados para servir na Jihad Somali. Nesse caso, os convocados são considerados pelos demais governos como militantes de alta periculosidade, por serem pessoas que conseguiram a permissão para viajar com passaportes concedidos por outras nações que não a original, não levantando suspeita (RUDNER, 2016).

⁷ Empresa de soluções em segurança para o gerenciamento de vulnerabilidades através de sistemas de inteligência.

⁸ Plataformas que se comunicam com a Pidgin: Linux; macOS; Microsoft Windows; Solaris; FreeBSD; NetBSD; OpenBSD; Illumos.

Logo, esse sistema é fortalecido pela internet quando é feito o uso da propaganda terrorista para difundir as ideias do grupo no meio virtual, permitindo que os indivíduos consigam acessar de qualquer lugar os ideais, conceitos e práticas, e também o envolvimento de pessoas com o grupo através de plataformas online. As páginas de redes sociais, de sites dos grupos e fóruns funcionam como um filtro responsável por absorver informações de pessoas que estão em busca de novas experiências e aprendizado em torno da prática do terror (RUDNER, 2016).

A nova estrutura também impactou os métodos de treinamento do grupo. Desde a sua fundação, o treinamento da Al-Qaeda sempre se concentrou no Afeganistão e em menor grau em regiões como a Chechênia, Filipinas, Indonésia, Paquistão e Sudão. Entretanto, após o atentado de 11 de setembro, o país sofreu retaliações vindo dos Estados Unidos por meio bombardeios aéreos e invasão do espaço territorial do Afeganistão, os quais atingiram as unidades de capacitação do país. Diante disso não havia outra maneira de reerguer e reabilitar esses campos que não fosse organizar novos locais para treinamento (ROGAN, 2006).

A opção viável para a operação de treinar cada vez mais pessoas foi o ciberespaço. Nesse ambiente houve a oportunidade de alcançar diferentes nichos de militantes individuais, ativistas, células locais e regionais, como também espalhar técnicas amplamente, ou seja, com a inovação as ferramentas do terror conseguem suprir necessidades individuais para além da prática terrorista e com isso a manutenção do treinamento ficou amplamente difundida.

Os principais sites conhecidos por fomentar essa atividade são os Muntadayat⁹ al-Ma'sada al-Jihadiyya e al-Farouq. O formato dos arquivos distribuídos varia entre enciclopédias terroristas e pequenos manuais de instrução militar, além disso, são postados arquivos multimídia de vídeos e fotos. Esses materiais avançam em qualidade ao longo do tempo, no entanto, precisam concentrar forças para ter credibilidade e serem mantidos na rede (ROGAN, 2006). A preocupação com estratégias de contraterrorismo nas redes sociais, fez com que os responsáveis pelas políticas dessas empresas criassem mecanismos nos próprios sites para identificar e derrubar páginas ou perfis inadequados quanto ao conteúdo. Outra ação realizada por órgãos internacionais é o uso da chamada contra narrativa, que está presente em fóruns em que as organizações conseguem se infiltrar ou vídeos de propaganda divulgadas na internet. Esse trabalho consiste em desencorajar potenciais indivíduos a apoiarem a jihad através de comunicação assertiva em torno de alternativas não violentas de atingir objetivos

⁹ Tradução: fórum

políticos de um determinado público, sendo disseminado na internet em fóruns por meio de vários idiomas para atingir o maior número de pessoas possível (UNODC, 2012).

Para o funcionamento desses sites, é necessário que existam os chamados usuários ativos, que consistem em produtores de conteúdo de mídias terroristas oficiais, jihadistas muçulmanos e pensadores estratégicos enquanto distribuidores de materiais e ideias para indivíduos que fomentam a jihad. Quanto aos programas utilizados, os mais comuns são o Megaupload, o Turboupload e o Yousentit; eles permitem que a organização terrorista mensure a quantidade de vezes que um link foi acessado para verificação de usuários ativos e inativos (ROGAN, 2006).

Outro ponto importante do treinamento online, é que ele é voltado para as preparações específicas. As instruções para a aprendizagem são passadas online, o que muda nesse caso é que tudo envolve o alvo de ataque, as armas utilizadas para a ação, os explosivos e as táticas envolvidas no sucesso da operação. Para garantir o bom funcionamento do sistema, todas as regras são apresentadas no máximo de línguas possível e principalmente na língua global, o inglês. Dessa maneira é possível alcançar o máximo de pessoas e influenciar que mais indivíduos tenham interesse na rede que se torna, em tal perspectiva, inclusiva (RUDNER, 2016).

Em relação ao sistema financeiro do grupo terrorista, após o atentado às Torres Gêmeas, há a tentativa de explorar os meios existentes nas principais zonas de influência. No entanto, por estar no foco de investigações, o formato de estruturas bancárias formais representa uma ameaça para a segurança da organização. Com isso, a Al-Qaeda instaura um sistema de pagamentos baseado na confiança dos envolvidos, o qual é realizado a partir de dinheiro físico, funcionando de forma similar aos bancos comuns, com a diferença de que o dinheiro arrecadado não tem precedentes ou destino nomeado. Essa aplicação é em tese conhecida como lavagem de dinheiro, entretanto, nesse caso é realizado por agentes terroristas (LORMEL, 2007).

Com a busca por meios alternativos, desde o início dos anos 2000, a internet tem papel essencial para a arrecadação do grupo. Sua organização conta com renda advinda de roubos, estelionato, comércio de produtos piratas, sequestros e doações. As duas últimas práticas são fortalecidas com o uso da internet por duas características em específico, primeiramente o fato de possibilitar a negociação e a comunicação entre as partes à longa distância e, em segundo lugar, o rastreo dessas conexões (ROGAN, 2006).

O fato de manter as transações financeiras ocultas é um facilitador para o terrorismo. Além de esconder a identidade dos participantes de uma negociação, também há meios de transferências a partir de moedas que não deixam rastros bancários por não possuírem agências físicas envolvidas; as moedas virtuais atuam nesse cenário, caracterizando uma inovação do século XXI. Assim, o mundo online oferece o suporte técnico ideal para a manutenção financeira dos grupos terroristas (LORMEL, 2007).

Quanto às doações, a Al-Qaeda usa instituições de caridade e ajuda humanitária desviando dinheiro, ou instituições de fachada em que os fundos arrecadados são enviados para a organização por meios eletrônicos, inclusive através de sites que contam com o serviço de cartões de crédito e débito. Um exemplo disso foi a Global Relief Foundation (GRF), que foi criada para fins religiosos, educacionais, científicos – os quais incluíam promover ajuda e caridade, projetos e organizações para gerenciar o fundo – mas em 2002 entrou para a lista de instituições estrangeiras que arrecadava fundos para organizações terroristas (JACOBSON, 2010). Outra forma de captação de recursos é o uso do Twitter e outras mídias sociais que permitem a visibilidade de projetos de *crowdfunding*¹⁰ de simpatizantes da jihad para o apoio do financiamento do grupo. Sites patrocinados também promovem o financiamento através da venda de produtos que incitam as atividades do grupo (RUDNER, 2016).

Com a logística permitida por essa estrutura, não há a necessidade de um poder centralizado e uma hierarquia que delibere tarefas a serem cumpridas pelos seguidores e terroristas solitários¹¹. Na verdade, o que passa a acontecer é o aumento da incidência de casos individuais, em que indivíduos justificam-se pela obrigação de defender o ideal coletivo, empreendendo na jihad com os conhecimentos adquiridos virtualmente, criando bombas indetectáveis, planejando ataques, ameaçando a segurança sem que para isso sejam apontados nomes ou planos de fundo cerceados por grandes organizações (THOMAS, 2003).

Nesse sentido, apontam-se novas fronteiras para o terrorismo ou mesmo a ausência delas que, a partir do momento em que a ameaça do terror passa a crescer sem uma identidade específica, comum e cada vez menos conhecida por estar em qualquer parte do mundo e vir de entidades individuais. Os ensinamentos basilares não requerem preparo anterior ou aparatos grandiosos que dependem de território vasto, ou pessoas conhecidas e importantes o suficiente

¹⁰ Dinâmica de arrecadação a partir de financiamento coletivo por meio de plataformas online.

¹¹ Também conhecidos como lobos solitários, são indivíduos que trabalham solo na prática de atos vinculados ao terrorismo.

para atrair atenção e causar constrangimento a autoridades, sendo em algum momento descobertas e desmanteladas.

Dessa maneira, o terrorismo consegue alçar novas batalhas, mesmo ao se deparar com novos paradigmas advindos das mudanças causadas pelo 11 de setembro. Como é o caso do uso da internet, que se tornou cada vez mais presente no seu operacional e que se relaciona com os caminhos a serem trilhados pelo grupo, ao mesmo tempo, em que ele se mantém como uma ameaça vigente e que está sob constante vigilância, o que faz a sua trajetória oscilar com o avanço dos agentes que trabalham para desmantelar o terrorismo.

4. Contraterrorismo na internet

A atuação jihadista na internet é muito flexível e interativa, o que contribui para que os sites e publicações dos grupos se retroalimentem. Essa característica é interessante, pois a estrutura em que o conteúdo é distribuído fica fortificada, impedindo o sucesso de sistemas que tentam derrubá-la removendo sites e fóruns inteiros. Nesse sentido, informações que existiram em algum momento, mesmo passando por reduções, conseguem se manter online, pois o material está em outras portas do ciberespaço (LIA, 2006).

Benjamin Davis (2006), conclui que mesmo com oficiais sênior de segurança nacional e especialistas em políticas relacionadas à internet atentos a movimentação dos grupos terroristas rumo à rede internacional de computadores – como elemento central nas dinâmicas operacional e de comunicação – pouco foi feito para criar um ambiente seguro na internet capaz de afastar a atividade terrorista desse espaço. A Al-Qaeda, a exemplo disso, continua a explorar a internet como plataforma de doutrinação, recrutamento, financiamento, apoio logístico e político, além de comunicação para o planejamento de ações e ataques, representando risco tanto no espaço físico quanto no espaço virtual (DAVIS, 2006).

No entanto, apesar de a internet ser uma ferramenta para os grupos terroristas, ela também é uma ferramenta do combate ao terrorismo. Isso acontece graças à facilidade de acesso às interfaces dos grupos que fazem uso indiscriminado do terror, que ficam disponíveis para os agentes que trabalham para a conter essas atividades. Para Denning (2006), algumas estratégias vantajosas que podem ser adotadas são a coleta de inteligência, a negação, a subversão e o envolvimento. A primeira delas consiste em monitorar a Al-Qaeda na internet pelos seus canais de comunicação e desenvolver mecanismos capazes de criar bases de dados para o acionamento de informações relevantes e com elas contatarem agentes responsáveis pela aplicação da lei,

podendo derrubar sua logística, operações e ataques. Negação significa retirar a Al-Qaeda da internet retirando o conteúdo que ela possui para disseminar e promover suas atividades, como é o caso do YouTube quando são removidos vídeos que incitam a violência ou treinam indivíduos, e dos provedores de serviços de internet que operam desligando sites que possuem conteúdo que invocam grupos terroristas. Esse ponto é um pouco mais complexo que a coleta, pois quanto mais é negado o acesso ao terrorismo mais ele se desloca para camadas clandestinas da rede. Apesar da dificuldade de operacionalização decorrente da possibilidade de os sites terroristas serem hospedados em qualquer lugar do mundo, o que pode ser feito nesse sentido é o engajamento em cooperações internacionais que possam ser bem sucedidas. A estratégia de subversão consiste na participação de pessoas infiltradas nas atividades do grupo dentro de fóruns, minando informações falsas para desarticular operações ou mesmo para gerar desconfiança do conteúdo postado em determinada página. O que pode ser desfavorável nesse caso é que, se esse tipo de operação não for coordenado por uma rede de inteligência especializada, todo o esforço pode gerar resultados ineficazes. O que Denning (2006) nomeia como envolvimento, se trata de profissionais entrarem em contato com os potenciais recrutas do grupo extremista com o intuito de convencê-los por meio do diálogo a não se radicalizarem (DENNING, 2006).

Sendo assim, ao usar a internet os grupos terroristas fornecem oportunidades para a coleta de informações e outras práticas que permitam prevenir e combater atos terroristas e evidências para o julgamento dessas ações. Grande parte das informações sobre o funcionamento, atividades e alvos são retirados de sites, chats e outros canais de comunicação online. Isso se deve ao aumento do uso da rede para fins terroristas proporcionando o crescimento de dados disponíveis para a análise das instituições que realizam o trabalho de combate ao terrorismo. Além disso, agentes policiais e de inteligência desenvolvem meios sofisticados para detectar, prevenir e impedir de maneira incisiva a manutenção das atividades relacionada ao terror que ocupa espaço na internet (UNODC, 2012).

Uma habilidade essencial para o contraterrorismo na internet é combinar métodos tradicionais de investigação com o conhecimento de ferramentas disponíveis online e o desenvolvimento de meios de identificar, apreender e processar esses atos. A investigação e julgamento de casos que envolvem rastros digitais necessitam da condução de investigação criminal especializada e prática para aplicar leis às situações ocorridas, ou seja, para um caso ser analisado corretamente todo o material recolhido não pode ser adulterado desde a sua apreensão até o momento em que ele será colocado à prova (UNODC, 2019).

Em relação ao papel da Al-Qaeda no combate ao contraterrorismo, a inteligência da organização trabalha na coleta de informações de código aberto em relação à mídia, nos contatos pessoais dos jihadistas, funcionários públicos, artigos de jornal, testemunhos em tribunais e em relatórios governamentais, com a intenção de se adaptar e impedir a atuação das forças combatentes. Também são analisados documentos da imprensa, justiça, audiências públicas, relatórios publicados ou transcritos. Todo esse material fornece à inteligência alvos ou forças de segurança, fraquezas e métodos que possam facilitar o planejamento de ataques (HABERL, 2019).

Ainda no plano da inteligência, a preparação de ataques conta as informações colhidas, fonte fundamental para o sucesso das operações do grupo. É essencial agilidade e eficácia para que o tempo seja aproveitado da melhor forma quanto a busca de locais, definição de alvos e mudanças necessárias no percurso perante os novos dados das forças inimigas. Assim, é importante que os terroristas tenham disposição para organizar as informações relevantes, classificando para que elas sejam analisadas e os planos colocados em prática sejam executados com precisão. Além do serviço interno de inteligência do grupo, os jihadistas também aproveitam das notícias publicadas pela mídia que divulgam ataques bem sucedidos para inspirar e propagar sua imagem, na medida que trabalham para responder ao contraterrorismo através de relatórios e documentos que descrevem estratégias de combate ao terror (HABERL, 2019).

Essas informações são essenciais para a manutenção das atividades da organização, por essa razão ao longo do tempo foram desenvolvidos mecanismos com a finalidade de adaptar doutrinas de contraterrorismo e isso se tornou base de todas as operações, com a finalidade de não perder informações confidenciais que são responsáveis por dominar parte da estrutura e organização da luta contra o contraterrorismo. A Al-Qaeda possui um departamento de contraespionagem chamado de Seção Central, semelhante aos órgãos governamentais. Suas principais atividades são a identificação de agentes espiões, penetração nos sistemas de inteligência do inimigo e a condução de operações do serviço de inteligência de código aberto, e o monitoramento das publicações midiáticas. As outras atribuições relacionadas a esse departamento são: segurança operacional; proteção ao ambiente operacional; conferência de antecedentes; e proteção dos líderes do grupo. Esse mecanismo auxiliou o grupo contra infiltrações, mantendo-o operante e em crescimento (HABERL, 2019).

O conhecimento dos adversários de um grupo terrorista é difundido em materiais online acessíveis na internet. Inicialmente, essas informações eram, principalmente, divulgadas pela Enciclopédia Al-aqsa Jihad, Enciclopédia de Preparação e Al-Qaeda's Sawt alJihad; que forneciam fundamentos religiosos e ideológicos em conjunto com conteúdo militar ou com o chamado Mu'askar al-Battar, que se trata de um jornal militar que contempla operações secretas, sequestros e metodologia de coleta de inteligência (HABERL, 2019).

Outra tática utilizada pelos terroristas é a infiltração em instituições governamentais, o que permite a captação de bens e indivíduos suscetíveis à chantagem e suborno. Essa é uma ação que promove o sucateamento de projetos e campanhas contrterroristas dos Estados e é capaz de enfraquecer e deslegitimar um regime ou governo. A exemplo disso, a Al-Qaeda se infiltrava ativamente em órgãos do governo dos Emirados Árabes Unidos. O sistema operacional da organização também conta com as casas seguras cujo propósito é a preparação de atividades secretas, coleta e análise de informações. A outra função dessas residências é de esconderijo para o armazenamento de armas, explosivos, produtos químicos, materiais de treinamento, documentos tais como identidade e passaporte, e vídeos de propaganda (HABERL, 2019).

Quanto à segurança online, as recomendações para os integrantes da jihad são: não utilizar informações pessoais na internet; navegar anonimamente; utilizar navegador TOR ou sistema operacional Tails; criptografar dispositivos de armazenamento; evitar serviços tradicionais como o Gmail, Facebook, iOS; utilizar dispositivos de código aberto; e aplicativos criptografados para comunicação por mensagens instantâneas. Além disso, sites disponíveis na internet podem contribuir para que os indivíduos possam navegar de maneira mais segura para manter as atividades relativas ao terrorismo funcionando (HOLZGRUBER, 2019).

5. Al-Qaeda e os elementos de análise de Eugenio Diniz

Conforme a proposta de Eugenio Diniz (2004), o desbaratamento de um grupo é a desarticulação para que ele não seja mais capaz de planejar e executar atentados. A Al-Qaeda, grupo contemplado pelo estudo de caso, possui todos estes elementos elencados em suas práticas, no seu sistema logístico e operacional, o que faz do ciberespaço uma ferramenta para se manter vivo no século XXI (THOMAS, 2003).

O quadro abaixo é resultado de um cruzamento entre os pontos propostos por Eugenio Diniz para o desbaratamento do grupo: finanças; apoio político; organização; e necessidades logísticas; e a interação com as atividades realizadas pela Al-Qaeda.

Quadro 1 – Elementos de análise de Eugenio Diniz e os meios de desbaratamento

	Local	Fonte	Atividade	Objetivos	Contra terrorismo
Finanças	Sites	Doações	Fraude; Roubos; Propaganda.	Arrecadação de fundos; Financiamento do terrorismo.	Congelar bens e ativos financeiros em bancos; Impedir o ciclo de doações.
Apoio Político	Redes Sociais; Sites.	Governos; Instituições; Sociedade civil.	Propaganda	Manutenção da imagem do grupo na sociedade para promover o apoio a causa	Identificar e expor regimes políticos; Punir indivíduos e instituições para que elas parem de dar apoio político e para dissuadir outros indivíduos a apoiar.
Logística	Bibliotecas Virtuais; YouTube; Sites.	Indivíduos da sociedade civil	Mapeamento de indivíduos oportunos; Conversas.	Comunicação; Recrutamento; Treinamento.	Identificar perfis em redes sociais e web sites e tirá-los do ar
Organização	Fóruns; Mensagens de texto; Redes sociais.	Hierarquia das células do grupo	Comunicação; Coordenação de ataques.	Comunicação; Ordenamento.	Quebra da cadeia de comando

Fonte: Elaboração própria (DINIZ, 2004).

A partir dele, fica possível perceber como cada elemento corresponde aos meios pelos quais a Al-Qaeda se mobiliza virtualmente para manter suas atividades ao passo que os movimentos contraterroristas tentam detê-la.

As finanças são frutos de doações e contribuições realizadas através de sites que possuem portas de seguranças consideradas confiáveis pelos grupos que se ocultam com o avanço das tecnologias, essas, por sua vez, são as transações com criptomoedas que dificilmente podem ser rastreadas e são um verdadeiro facilitador e mantenedor das atividades financeiras que vinham sendo derrubadas no ambiente físico (DION-SCHWARZ; MANHEIM; JOHNSTON, 2019).

Enquanto isso, o apoio político é banhado por pontos que consideram uma série de fatores que vão de governos e instituições à propaganda. Ou seja, esse é o componente que traz relevância ao corpo do grupo terrorista, uma vez que é justamente essas fontes de apoio que fornecem força política, não deixando que ele se torne vulnerável quando passar por reivindicações sobre seus atos e sofrer ataques à sua credibilidade. Nesse sentido, a credibilidade é desafiada quando, a partir dos ataques 11 de setembro apareceram muitas

pessoas interessadas em usar o ciberespaço como plataforma para passar mensagens terroristas criando o que é chamado de grupos fantasmas¹² que reivindicam a autoria de ataques que sequer estão relacionados com o terrorismo. Um exemplo disso é a chamada Brigadas Abu Hafs Al Masri, que anunciaram uma série de comunicados como os ataques a bomba em Londres no dia 7 de julho de 2005. Esse comunicado alcançou sucesso na mídia e forçou a Brigada a renunciar o ataque (SORIANO, 2012). Em contraposta, o ciberespaço, proporciona uma esfera de contato que não deve ser subestimada por facilitar a comunicação direta entre ativistas, líderes da jihad, clérigos e comandantes. Além disso, eles também fomentam um diálogo próximo aos simpatizantes podendo facilitar o acesso a líderes e rompendo as fronteiras nacionais (LIA, 2006). Enquanto à relação específica com governo e Estados que se incluem como apoiadores do terrorismo, esses podem desenvolver capacidades que levariam a desafiar o potencial de informação dirigidos pelos agentes que combatem o terror (WEIMANN, 2005).

Em relação à organização, essa por sua vez possui foco no recrutamento e treinamento dos membros. O recrutamento conta com uma estratégia de captação de membros expandida pois consegue explorar um público mais amplo a partir dos recursos disponíveis que os dão credibilidade e legitimidade. Os indivíduos filiados são encontrados dentro de sites, fóruns de discussão e outras mídias sociais que propagam a causa do grupo jihadista (CHOI; LEE; CADIGAN, 2018). E o treinamento é abastecido por materiais que ensinam a construir armas, explosivos, incluindo composições químicas para a fabricações deles. Além disso, existe a disseminação de conhecimento para situações que envolvem sequestro, assassinatos, interrogatórios, sequestros e segurança operacional (DENNING, 2010).

Todos esses elementos compõem as necessidades logísticas, um leque de atividades que exploram as atividades online da Al-Qaeda que também são responsáveis por fomentar os ofícios que o grupo terrorista tem no espaço físico.

6. Considerações Finais

O conceito de terrorismo empregado por Eugenio Diniz (2004) faz sentido na medida que boa parte da estrutura utilizada pelo grupo Al-Qaeda na manutenção de suas atividades físicas tem como objetivo integrar mais pessoas, governos e instituições às propostas empenhadas pelo terror, por diversas razões. Entre elas estão os seguintes pontos: o aumento

¹² Organizações fictícias que capitalizaram o anonimato concedido pelo ciberespaço a fim de fazer a sua própria propaganda.

da credibilidade e a agregação de valor nos processos operacionais com o intuito de comover os indivíduos envolvidos na proposta das atividades terroristas de modo geral.

A Al-Qaeda, ao se mobilizar e se beneficiar do ciberespaço, torna grande parte de suas competências possíveis de serem feitas através do acesso à rede. É bem-sucedida junto aos seus filiados na exploração da internet como uma rede de apoio operacional por meio de sistemas que sustentam a replicação de instalações de treinamento, comunicação, planejamento e doutrinação, que vão sendo perdidos no espaço físico ao longo do tempo. Esse desenvolvimento foi permitido pelas falhas na vigilância passiva no combate da jihad (DAVIS, 2006).

Nesse sentido, ao observar como a propaganda terrorista e o uso dos sites é empregado na internet, é possível comprovar que o interesse e o foco do grupo se localizam nos processos realizados na rede e não apenas na finalidade de suas operações. Ou seja, o impacto final do emprego do terror, as mortes e a instauração do caos na sociedade não são os únicos objetivos no uso da internet, mas também a capacidade que o grupo tem de se organizar e se mobilizar frente aos desafios do combate ao terror. Por essa razão, a maior preocupação é de como cada atividade e esforço une a crença no sucesso do movimento e a escalada de pessoas comovidas com a causa, com o objetivo político do grupo (THOMAS, 2003).

Nesse sentido, Eugenio Diniz (2004), propõe o desbaratamento do grupo por meio de quatro fatores relacionados a variáveis internas e externas ao grupo. Essas determinantes são capazes de exercer influências sobre a trajetória da organização terrorista, à medida que ela se movimenta para viabilizar suas principais atividades, assim como podem ser utilizadas por agentes externos para colocar fim a operação total do grupo.

O primeiro passo para conseguir promover a tarefa essencial proposta pelo autor para o desbaratamento do grupo terrorista, com vistas à infraestrutura fornecidas pela internet no século XXI, é compreender os caminhos percorridos pelas atividades terroristas, quais são os mecanismos utilizados e qual o impacto causado por cada uma das ações que invocam terror à sociedade (DINIZ, 2004).

Em relação às finanças, a arrecadação vem de doações acessadas por meio de links em sites de propaganda ou sites com conteúdo “educativo” e de treinamento. Esse meio de financiamento é destinado à participação individual em detrimento das campanhas que comovem grandes grupos. Transações bancárias são um tipo de arrecadação que não entram

nesse quesito por estarem em um meio mais monitorado e mais suscetível à riscos. Ao mesmo tempo, isso não significa que no espaço físico terrestre não existam meios que permitam a manutenção da escalada financeira do grupo, essas fontes apenas acabaram sendo reduzidas pelo combate ao terror. Por essa razão os grupos passaram a realizar transações online e de maneira anônima (DION-SCHWARZ; MANHEIM; JOHNSTON, 2019). Isso faz com que seja usado como instrumento de análise a quebra dos esquemas no espaço virtual, que tornaria possível em sua totalidade conter o acesso a doações, transações básicas internas e pagamentos por meio de moedas virtuais, neutralizando a atividade do grupo terrorista.

Toda a transformação ocorrida após o 11 de setembro acaba fragilizando a Al-Qaeda, pois com o aumento da complexidade nos moldes da infraestrutura do grupo, gera-se comprometimento nas capacidades operacionais, mesmo com as vantagens existentes nos quesitos financeiro e humano, que, na verdade, vão substituir os recursos que foram perdidos ao longo do tempo para garantir a sobrevivência da organização (MCALLISTER, 2004).

Quanto ao apoio político, a quebra pode ocorrer quando há perda de credibilidade do grupo perante a sociedade. Isso acontece quando a Al-Qaeda, para se manter viva, assume posições arriscadas ou que geram desconfianças aos seus seguidores. Além disso, a crescente fragmentação e atuação da Al-Qaeda faz com que não exista um componente político dentro da própria gestão da organização terrorista que permita a integridade capaz de promover expansão de contatos e influência (MCALLISTER, 2004).

Existem ferramentas disponíveis na rede que permitem investigações para conter o uso terrorista da internet. Estratégias de investigação são eficientes à medida que profissionais especializados utilizam recursos avançados para uma abordagem sistemática em relação à dados e serviços para a identificação de diretrizes terroristas no ciberespaço (UNODC, 2012). A neutralização desse grupo fica condicionado aos avanços da inteligência de combate ao terrorismo, que gira em torno de progressos e estabilização nos trabalhos e que mudam uma vez que a organização terrorista trabalha frente às barreiras impostas pelos órgãos contra terroristas.

7. Referências

CHOI, Kyung-shick; LEE, Claire Seungeun; CADIGAN, Robert. Spreading Propaganda in Cyberspace: Comparing CyberResource Usage of Al Qaeda and ISIS. **International Journal of Cybersecurity Intelligence & Cybercrime**: 1(1), p. 21-39, 2018.

CLARK, David D. Characterizing Cyberspace: Past, Present, and future. **ECIR Working Paper**, 2010.

CURRAN, James. Reinterpreting Internet history. In: JEWKES, Yvonne; YAR, Majid (ed.). **Handbook of Internet Crime**. Padstow: Willan Publishing, 2010. Cap. 2, p. 17-37.

DAVIS, Benjamin R. Ending the cyber jihad: Combating terrorist exploitation of the internet with the rule of law and improved tools for cyber governance. **COMMLAW CONSPECTUS**. v. 15, p. 119, 2006.

DENNING, Dorothy E. Activism, Hacktivism, and Cyberterrorism: The Internet as a Tool for Influencing Foreign Policy. Nautilus Institute. **Networks and Netwars: The Future of Terror, Crime, and Militancy**, J. Arquilla and D. F. Ronfeldt (eds). p. 239-288, 2001.

DENNING, Dorothy E. Terror's web: how the internet is transforming terrorism. In: JEWKES, Yvonne; YAR, Majid (ed). **Handbook of Internet Crime**. Padstow: Willan Publishing, 2010. Cap. 10. p. 194-213.

DION-SCHWARZ, Cynthia; MANHEIM, David; JOHNSTON Patrick B. Terrorist Use of Cryptocurrencies: Technical and Organizational Barriers and Future Threats. Santa Monica, CA: **RAND Corporation**, 2019.

DINIZ, Eugênio. Compreendendo o Fenômeno do Terrorismo. **Universidade Federal do Rio de Janeiro**, 2004.

GILL, Paul; CORNER, Emily; CONWAY, Maura; THORNTON, Amy; BLOOM, Mia; HORGAN, John. Terrorist Use of the Internet by the Numbers: quantifying behaviors, patterns, and processes. **Criminology & Public Policy**, [S.L.], v. 16, n. 1, p. 99-117, fev. 2017.

HABERL, Ferdinand J. The retreat into the desert – The new paradigms of jihad covert action, subversion and intelligence operations. **Jihadism Revisited – Rethinking a well-known phenomenon**. Logos Verlag Berlin, 2019.

HOLZGRUBER, Clemens. “Now You See Me – Now You Don’t”: analysing jihadists online privacy-enhancing and counter-surveillance strategies. In: LOHLKER, Rüdiger (ed.). **World Wide Warriors: how jihadis operate online**. Göttingen: Vienna University Press, 2019. Cap. 5, p. 157-191.

JACOBSON, Michael. Terrorist financing and the internet. **Studies in Conflict & Terrorism**, v. 33, n. 4, p. 353-363.

KIMMAGE, Daniel. Al-Qaeda central and the internet. Washington DC: **New America Foundation**, 2010.

KYDD, Andrew H.; WALTER, Barbara F. The strategies of terrorism. **International security**, v. 31, n. 1, p. 49-80, 2006.

LIA, Brynjar. Al-Qaeda online: understanding jihadist internet infrastructure. **Jane's Intelligence Review**, 2006.

LORMEL, Dennis M. Terrorism and credit card information theft – Connecting the dots. **Shift4 Corporation**, 2007.

MACISAAC, David. "Voices from the Central Blue: the Air Power Theorists". in: PARET, Peter (Ed). *Makers of Modern Strategy: from Machiavelli to the Nuclear Age*. 1a. Ed. New Jersey: **Princeton University Press**. p. 624-647, 1986.

MCALLISTER, Brad. Al Qaeda and the Innovative Firm: Demythologizing the Network, **Studies in Conflict & Terrorism**, v. 27, n. 4, p. 297-319, 2004.

MCCORMICK, Gordon H. Sharp dressed men: Peru's Túpac Amaru Revolutionary Movement. **RAND Corporation**, 1993.

MENDES, Flávio Pedroso. Guerra, guerrilha e terrorismo: uma proposta de separação analítica a partir da Teoria da Guerra de Clausewitz. **Carta Internacional**. v. 9, n. 2, p. 96-108, 2014.

PAGANINI, Pierluigi. **Al-Qaeda is developing new Encryption tools in response to NSA surveillance**. Publicado em 2014. Disponível em: <https://www.cyberdefensemagazine.com/Al-Qaeda-is-developing-new-encryption-tools-in-response-to-nsa-surveillance/>. Acesso em: 15 mai. 2020

ROGAN, Hanna. Jihadism online – A study of how Al-Qaida and radical islamist groups use the internet for terrorist purposes. **RRI RAPPORT**. Norwegian Defense Research Establishment, 2006.

RUDNER, Martin. "Electronic Jihad": The Internet as Al Qaeda's Catalyst for Global Terror. **Studies in Conflict & Terrorism**, v.40, n. 1, p 10–23, 2016.

SCHELLING, Thomas C. **ARMS AND INFLUENCE**. United States of America: **New Haven and London Yale University Press**, 2008.

SCHEUER, Michael. Osama Bin Laden. *Journal of International Relations Research*. **Oxford University Press**, 2011.

SORIANO, Manuel R. Torres. The Vulnerabilities of Online Terrorism. **Studies in Conflict & Terrorism**, v. 35, n. 4, p 263-277, 2012.

THOMAS, Timothy L. Al Qaeda and the Internet: the danger of 'cyberplanning'. **Parameters**, v. 33, nº. 1, Spring, 2003.

WEIMANN, Gabriel. Cyberterrorism: The Sum of All Fears? **Studies in Conflict & Terrorism**. v. 28, n. 2, p. 129-149, 2005.

WEIMANN, Gabriel. Terror in Cyberspace. **Marquette Law Review Conferences**. 2009.

United Nations Office on Drugs and Crime (UNODOC) (org.). The use of the internet for terrorist purposes. Viena: **United Nations**, 2012.